

***AETERNI PATRIS DO SUMO  
PONTÍFICE  
LEÃO XIII  
SOBRE A RESTAURAÇÃO  
DA FILOSOFIA CRISTÃ  
CONFORME A DOCTRINA  
DE SANTO TOMÁS DE AQUINO***

Tradutores: Maria Lucia da Fonseca. Licenciada em Letras (Literatura Inglesa e Americana) e pós-graduada em Teoria da Literatura pela UERJ. Sávio Laet de Barros Campos. Bacharel-Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso.

*Aos patriarcas, primazes, arcebispos e  
Bispos do mundo católico em graça e comunhão com a Sé Apostólica.  
Veneráveis Irmãos: saudações e minha Bênção Apostólica.*

1 – O Filho Unigênito do Pai Eterno, que apareceu sobre a terra para trazer ao gênero humano a salvação e a luz da sabedoria divina, concedeu, certamente, um grande e admirável benefício ao mundo, quando, havendo de subir novamente aos céus, mandou aos apóstolos que “(...) fossem ensinar todas as gentes”<sup>1</sup>; e deixou a Igreja por ele fundada como mestra comum e suprema dos povos. Pois os homens, aos quais a verdade havia libertado, deviam ser conservados na verdade; nem haveriam durado por muito tempo os frutos das doutrinas celestes, pelas quais o homem adquiriu a salvação, se Cristo, Nosso Senhor, não houvesse constituído um magistério perene para instruir os entendimentos na fé.

---

<sup>1</sup> Mt 28, 19

Porém, a Igreja, ora animada com as promessas do seu divino autor, ora imitando a sua caridade, de tal sorte cumpriu seus preceitos, que sempre teve em vista e foi seu principal desejo, ensinar a religião e lutar perpetuamente contra os erros. A isto tendem os trabalhos diligentes de cada um dos Bispos, a isto as leis e os decretos promulgados pelos Concílios, e, em especial, a cotidiana solícitude dos Romanos Pontífices, aos quais, como a sucessores no primado do bem-aventurado Pedro, Príncipe dos Apóstolos, pertencem o direito e a obrigação de ensinar e confirmar a seus irmãos na fé.

2 – Porém, como, segundo o aviso do Apóstolo, “pela filosofia e vã falácia”<sup>2</sup> são muitas vezes enganadas as mentes dos fiéis cristãos e é corrompida a sinceridade da fé nos homens, os supremos pastores da Igreja sempre julgaram ser também próprio de sua missão, promover, com todas as forças, as ciências que merecem tal nome e a um só tempo zelar, com singular vigilância, para que as ciências humanas fossem ensinadas por toda parte, segundo a regra da fé católica, e, em especial, a filosofia, da qual, sem dúvida, depende em grande parte o reto ensinamento das demais ciências. Nós, venerados irmãos, já vos advertimos brevemente, entre outras coisas, isto mesmo, quando pela primeira vez nos dirigimos a vós por cartas Encíclicas.

3 – Porém, agora, pela gravidade do assunto e condição dos tempos, vemo-nos compelidos a, pela segunda vez, tratar convosco de estabelecer, para os estudos filosóficos, um método que não só corresponda perfeitamente ao bem da fé, mas que esteja conforme a mesma dignidade das ciências humanas.

4 – Se alguém fixar a consideração na agrura de nossos dias, e abraçar com o pensamento a condição das coisas que, pública e privadamente se executam, descobrirá que, sem dúvida, a causa fecunda dos males, tanto daqueles que hoje nos oprimem, como dos que tememos, consiste em que os perversos princípios sobre as coisas divinas e humanas, emanados a tempo das escolas dos filósofos, foram-se introduzindo em todas as ordens da sociedade e recebidos pelo comum sufrágio de muitos. Pois, sendo natural ao homem que no obrar tenha a razão por guia, se em algo falta a inteligência, facilmente cai também no mesmo a vontade; e assim acontece que a perversidade das opiniões, cujo assento está na inteligência, influencie nas ações humanas e as perverta. Pelo contrário, se

---

<sup>2</sup> Col 2,18

está são o entendimento do homem, e se apoia em princípios sólidos e verdadeiros, produzirá muitos benefícios de utilidade pública e privada.

5 – Certamente não atribuímos tal força e autoridade à filosofia humana, a ponto de crermos ser ela suficiente para rechaçar e arrancar todos os erros; pois, assim como, quando, no princípio, fora instituída a religião cristã, o mundo teve a dita de ser restituído à sua dignidade primitiva, mediante a luz admirável da fé, “(...) não com as palavras persuasivas da sabedoria humana, mas sim com a manifestação do Espírito e da virtude”<sup>3</sup>, assim também, no presente, deve esperar-se principalmente do poder onipotente de Deus e de seu auxílio, que as inteligências dos homens, dissipadas das trevas dos erros, volvam à verdade. Porém, não se pode depreciar, nem adiar os auxílios naturais que, por benefício da sabedoria divina, que dispõe forte e suavemente todas as coisas, estão à disposição do gênero humano. Ora, entre os auxílios consta ser o principal o reto uso da filosofia. Não é em vão que Deus imprimiu na mente humana a luz da razão. E o acréscimo da luz da fé, mui longe de apagar ou diminuir a força da inteligência, aperfeiçoa-a, e, aumentando as suas forças, torna-a hábil para maiores empresas.

Pede, pois, a ordem da mesma Providência Divina, que se peça apoio ainda à ciência humana, ao chamar os povos à fé e à salvação: indústria plausível e sábia, que os monumentos da antiguidade atestam haver sido praticada pelos preclaríssimos Padres da Igreja. Estes se acostumaram a ocupar a razão em muitos e importantes ofícios, os quais compendiou sucintamente o grande Agostinho, “(...) atribuindo a esta ciência (...) aquilo com que a fé salubérrima (...) se engendra, nutre-se, defende-se, consolida-se”<sup>4</sup>.

6 - Em primeiro lugar, a filosofia, se empregada devidamente pelos sábios, pode, decerto, aplinar e facilitar de algum modo o caminho à verdadeira fé, e preparar convenientemente os ânimos de seus alunos para receber a revelação; portanto, não sem justiça foi chamada pelos antigos, ora “instituição prévia à fé cristã”<sup>5</sup>, ora “prelúdio e auxílio do cristianismo”<sup>6</sup>, ora “pedagoga do Evangelho”<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> I Co 2, 4

<sup>4</sup> AGOSTINHO. *De Trinitate*, 14, 1, 3 (PL 42, 1037), citada por Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, 1, 1,

<sup>5</sup> CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata*, 1, 16 (PG 8, 795); 7, 3 (PG 9, 426).

<sup>6</sup> ORÍGENES. *Espistola ad Gregorium* (PG 11, 87-91).

<sup>7</sup> CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, 1, 5 (PG 8, 718-719).

E, na verdade, nosso mui benigno Deus, no que toca às coisas divinas, não nos manifestou somente aquelas verdades para cujo conhecimento é insuficiente a inteligência humana, senão que também nos manifestou algumas não de todo inacessíveis à razão, para que, sobrevinda a autoridade de Deus, sem nenhuma mescla de erro se fizessem manifestas a todos. Daí que os mesmos sábios, iluminados tão só pela luz natural da razão, hajam conhecido, demonstrado e defendido, com argumentos convenientes, algumas verdades que, ou se propõem como objeto de fé divina, ou estão unidas por estreitíssimos laços com a doutrina da fé. “Porque as coisas d’Ele, que são invisíveis, e ainda sua sempiterna virtude e divindade, se veem depois da criação do mundo, consideradas pelas obras criadas”<sup>8</sup>, e “(...) as gentes que não têm lei (...), sem embargo, mostram a obra da lei escrita em seus corações”<sup>9</sup>. É, pois, sumamente oportuno que estas verdades, ainda reconhecidas pelos mesmos sábios pagãos, convertam-se em proveito e utilidade da doutrina revelada, para que, com efeito, manifeste-se que também a sabedoria humana e mesmo o testemunho dos adversários favorecem a fé cristã.

7 – Este modo de obrar consta que não foi recentemente introduzido, mas que é antigo, e foi usado muitas vezes pelos Santos Padres da Igreja. Ainda mais: estas veneráveis testemunhas e guardiãs das tradições religiosas reconhecem certa norma disto e quase uma figura no fato de os hebreus que, ao tempo de saírem do Egito, receberam o mandato de levarem consigo os vasos de ouro e prata dos egípcios, para que, mudando repentinamente seu uso, servisse à religião do Deus verdadeiro, aquela vasilha que antes houvera servido para ritos ignominiosos e para a superstição. Gregório Nazianzeno<sup>10</sup> louva a Orígenes, porque converteu, com admirável destreza, muitos conhecimentos tomados engenhosamente das máximas dos infiéis, como dardos quase arrebatados dos inimigos, em defesa da filosofia cristã e em prejuízo da superstição. E tanto Gregório Nazianzeno<sup>11</sup>, quanto Gregório Niceno<sup>12</sup> louvam e aprovam o mesmo modo de disputar em Basílio Magno. Jerônimo<sup>13</sup> também o recomenda grandemente em Cutrato, discípulo dos

---

<sup>8</sup> Rm 1, 20.

<sup>9</sup> Rm 2, 14-15.

<sup>10</sup> GREGÓRIO NICENO (também chamado de Gregório o Taumaturgo) em **Origenem oratio panegyrica**, 6 (PG 10, 1093 A).

<sup>11</sup> Car., 1, Iamb. 3 (PG 37. 1045 A-1047 A).

<sup>12</sup> **Vita Moysis** (PG 44, 359).

Apóstolos, em Aristides, em Justino, em Ireneu e muitos outros. E Agostinho diz: “Não vemos com quanto ouro e prata, e com que vestidos saiu carregado do Egito Cipriano, doutor mui suave e mártir beatíssimo? Com quanto Lactâncio? Com quanto Vitorino, Optato e Hilário? E para não falar dos vivos, quantos gregos inumeráveis?”<sup>14</sup>.

Verdadeiramente, se a razão natural deu tão ótima semente de doutrina antes de ser fecundada com a virtude de Cristo, certamente muito mais abundante a produzirá depois que a graça do Salvador restaurou e enriqueceu as forças naturais da mente humana. E quem não vê que com este modo de filosofar, abre-se um caminho plano e fácil para a fé?

8 – Não obstante, não se circunscreve dentro destes limites a utilidade que dimana daquela maneira de filosofar. E, realmente, as páginas da divina sabedoria repreendem gravemente a loucura daqueles homens que, “ (...) dos bens que se veem não souberam conhecer quem fosse seu artífice ”<sup>15</sup>.

9 – Assim, em primeiro lugar, o grande e excelentíssimo fruto que se recolhe da razão humana é o de demonstrar que há um Deus: “(...) pois pela grandeza da beleza das criaturas se pode claramente chegar ao conhecimento do Criador delas”<sup>16</sup>. Depois, demonstra (a razão) que Deus se sobressai singularmente pela reunião de todas as perfeições: por sua infinita sabedoria, da qual jamais pode ocultar-se coisa alguma, e pela suma justiça, à qual nunca pode vencer algum afeto perverso; porque Deus não só é veraz, senão que também é a mesma verdade, incapaz de enganar e enganar-se. Disso segue-se claramente que a razão humana granjeia à palavra de Deus pleníssima fé e autoridade.

10 – Igualmente a razão declara que a doutrina evangélica brilhou desde a sua origem por certos prodígios, como por argumentos sólidos da verdade, e que, portanto, todos os que creem no Evangelho não creem temerariamente, como se seguissem doudas fábulas<sup>17</sup>, senão que, com um obséquio de todo racional, sujeitam sua inteligência e seu juízo à autoridade divina. Entenda-se que não é de menor apreço que a razão ponha manifesto que a Igreja instituída por Cristo, como estabeleceu o *Concílio Vaticano*, “ (...)

<sup>13</sup> **Epistola ad Magnum**, 4 (PL 22, 667). Quadrato e Justino Irineu estão entre os antigos apologistas cristãos que devotaram seus esforços à defesa da verdade cristã contra os pagãos.

<sup>14</sup> **De doctrina christiana**, 1, 2, 40 (PL 34, 63).

<sup>15</sup> Sb 13, 1.

<sup>16</sup> Sb 13, 5.

<sup>17</sup> 2 Pe 1, 6.

por sua admirável propagação, exímia santidade e inesgotável fecundidade em todas as regiões, pela unidade católica e invencível estabilidade, é um grande e perene motivo de credibilidade e testemunho irrefragável de sua missão divina”<sup>18</sup>.

11 – Todavia, postos assim estes solidíssimos fundamentos, requer-se um uso perpétuo e múltiplo da filosofia, para que assim a sagrada teologia tome e receba a natureza, o hábito e a índole de uma verdadeira ciência. Nesta, a mais nobre de todas as ciências, é grandemente necessário que as muitas e diversas partes das doutrinas celestes reúnam-se, como em um corpo, para que cada uma delas, convenientemente disposta em seu lugar e deduzida de seus próprios princípios, esteja relacionada com as demais por uma conexão oportuna; por último, que todas e cada uma delas se confirmem em seus próprios e invencíveis argumentos.

12 – Nem se há de passar em branco ou estimar pouco aquele mais diligente e abundante conhecimento das coisas que, dos mesmos mistérios da fé, Agostinho e outros santos Padres louvaram e procuraram conseguir e que o *Concílio Vaticano*<sup>19</sup> julgou mui frutuoso. Certamente, conseguirão mais perfeita e facilmente este conhecimento e esta compreensão aqueles que, com a integridade da vida e o amor à fé, reúnam um gênio adornado com as ciências filosóficas, especialmente porque ensina o *Sínodo Vaticano* que esta mesma inteligência dos sagrados dogmas, convém tomá-la: “(...) já da analogia das coisas que naturalmente se conhecem, já do enlace daqueles mistérios entre si e com o fim último do homem”<sup>20</sup>.

13 - Por último, também pertence às ciências filosóficas defender religiosamente as verdades ensinadas por revelação e resistir aos que se atrevam a impugná-las. Neste aspecto, de muito serve a filosofia, que é considerada baluarte da fé e como firme defensora da religião. Como atesta Clemente Alexandrino, “(...) é por si mesma perfeita a doutrina do Salvador e de ninguém necessita, sendo virtude e sabedoria de Deus. A filosofia grega, que a ela se une, não faz mais poderosa a verdade; porém, fazendo débeis os argumentos dos sofistas contra aquela, e rechaçando as enganosas trapaças contra a

---

<sup>18</sup> **Constituição Dogmática, de Fid. Cath.**, c.3.

<sup>19</sup> **Const. Cit.**, c.4.

<sup>20</sup> *Loc. Cit.*

mesma, foi chamada oportunamente cerca e estaca da vinha ”<sup>21</sup>. Certamente, assim como os inimigos do nome cristão, para pelejarem contra a religião, muitas vezes tomam da razão filosófica seus instrumentos bélicos; assim os defensores das ciências divinas tomam do arsenal da filosofia muitas coisas com que podem defender os dogmas revelados. Nem se há de julgar que obtenha pequeno triunfo a fé cristã, porque as armas dos adversários, preparadas por arte da razão humana para fazer dano, são rechaçadas poderosa e prontamente pela mesma razão humana.

Esta espécie de combate religioso foi usado pelo mesmo Apóstolo das Gentes, como recorda São Jerônimo, escrevendo a Magno: “Paulo, capitão do exército cristão, é orador invicto; defendendo a causa de Cristo, faz servir com arte a uma inscrição fortuita para argumento da fé; havia aprendido do verdadeiro Davi a arrancar a espada das mãos dos inimigos, e a cortar a cabeça do soberbo Golias com sua espada”<sup>22</sup>. E a mesma Igreja, não somente aconselha, senão que também manda que os doutores católicos peçam este auxílio à filosofia. Pois o *Concílio Lateranense V*, depois de estabelecer que “(...) toda asserção contrária à verdade da fé revelada é completamente falsa, porque a verdade jamais se opõe à verdade”<sup>23</sup>, manda aos doutores da filosofia, que se ocupem, diligentemente, em resolver os argumentos enganosos, pois, como atesta Agostinho, “(...) se se dá uma razão contra a autoridade das Divinas Escrituras, por mais aguda que seja, enganará com a semelhança de verdade, porque não pode ser verdadeira”<sup>24</sup>.

14 – Mas, para que a filosofia seja capaz de produzir os preciosos frutos que temos lembrado, é de todo necessário que jamais se aparte daqueles trâmites que seguiu a veneranda antiguidade dos Padres e aprovou o *Sínodo Vaticano* com um solene sufrágio de autoridade. Na verdade, está claramente averiguado que se não de aceitar muitas verdades de ordem sobrenatural, que superam, de muito, as forças de todas as inteligências. A razão humana, conhecedora da própria debilidade, não se atreve a aceitar coisas superiores a ela, nem negar as mesmas verdades, nem medi-las com sua própria capacidade, nem interpretá-las a seu capricho; antes, bem deve recebê-las com plena e humilde fé e ter como suma

---

<sup>21</sup> *Stromata*, 1, 20 (PG 8, 818).

<sup>22</sup> *Epistola ad Magnum*, 2 (PL 22, 666).

<sup>23</sup> *Bula Apostolici regiminis*.

<sup>24</sup> *Epistola 147, ad Marcellinum*, 7 (PL 33, 589).

honra ser-lhe permitido, por benefício de Deus, servir, como escrava e servidora, às doutrinas celestes e, de algum modo, chegar a conhecê-las.

15 – Em todas estas doutrinas principais que a inteligência humana não pode receber naturalmente, é muito justo que a filosofia use de seu método, de seus princípios e argumentos; porém, não de tal maneira que pareça querer subtrair-se à autoridade divina. Antes, constatando que as coisas conhecidas por revelação gozam de uma veracidade indiscutível e que as que se opõem à fé também repugnam à reta razão, deve ter presente o filósofo católico que violará, por sua vez, os direitos da fé e da razão, abraçando algum princípio que saiba repugnar a doutrina revelada.

16 – Sabemos muito bem que não faltam aqueles que, exaltando mais do que o justo as faculdades da natureza humana, defendam que a inteligência do homem, uma vez submetida à autoridade divina, cai de sua natural dignidade, fica ligada e como que impedida de chegar ao cume da verdade e da excelência. Porém, estas doutrinas estão cheias de erro e de falácia, e, finalmente, tendem a fazer com que os homens, com suma loucura, e não sem crime de ingratidão, repudiem prontamente as mais sublimes verdades e espontaneamente rechacem o benefício da fé, da qual, ainda para a sociedade civil, brotaram as fontes de todos os bem. Pois, encontrando-se encerrada a mente humana em certos e muito estreitos limites, está sujeita a muitos erros e ignora muitas coisas. Pelo contrário, a fé cristã, apoiando-se na autoridade de Deus, é mestra infalível da verdade; seguindo-a, ninguém cai nos laços dos erros, nem é agitado pelas ondas de opiniões incertas.

17 – Pelo que os que unem os estudos da filosofia com a obediência à fé cristã raciocinam perfeitamente, supondo que o esplendor das verdades divinas recebido pela alma auxilia a inteligência e não lhe tira em nada a dignidade, senão que lhe acrescenta muitíssima nobreza, penetração e energia. E quando dirigem a perspicácia de seu gênio para rechaçar as sentenças que repugnam a fé cristã, aprovando as que concordam com esta, exercitam, digna e mui utilmente, a razão: pois, no primeiro, descobrem as causas do erro e conhecem o vício dos argumentos, e, no último, estão na posse das razões com que se demonstra solidamente, e se persuade a todo homem prudente, da verdade das ditas sentenças. O que nega que, com essa indústria e exercício, aumentam-se as riquezas da mente e se desenvolvem suas faculdades, é necessário que absurdamente pretenda afirmar



também que, não nos conduz ao aperfeiçoamento do gênio, a distinção do verdadeiro e do falso. Com razão, o *Concílio Vaticano* recorda com essas palavras os benefícios que a fé presta à razão: “(...) a fé livra e defende a razão dos erros e a instrui em muitos conhecimentos”<sup>25</sup>. E, por conseguinte, o homem, se entendesse, não deveria culpar a fé de ser inimiga da razão; antes, deveria dar graças a Deus e alegrar-se veementemente de que, entre as muitas causas de ignorância e em meio às ondas dos erros, haja sido iluminado por aquela fé santíssima que, como estrela amiga, indica o porto da verdade, excluindo todo temor de errar.

18 – Porque, Venerados irmãos, se dirigirdes os olhos para a história da filosofia, compreenderéis que todas as coisas que há pouco dissemos comprovam-se com os fatos. E certamente os antigos filósofos, que careciam do benefício da fé, ainda os que são considerados mais sábios, erraram pessimamente em muitas coisas. Entre algumas verdades, eles ensinaram muitas coisas falsas e indecorosas, quanto incertas e duvidosas, sobre a verdadeira natureza da Divindade, sobre a origem das coisas, sobre o governo do mundo, sobre o conhecimento divino das coisas futuras, sobre a causa e princípio dos males, sobre o fim último do homem e a eterna bem-aventurança, sobre as virtudes e os vícios, e sobre outras doutrinas, cujo verdadeiro e certo conhecimento é a coisa mais necessária ao gênero humano. Pelo contrário, os primeiros Padres e Doutores da Igreja que haviam entendido muito bem que, por decreto da vontade divina, o restaurador da ciência humana era também Jesus Cristo, que é a virtude de Deus e sua sabedoria<sup>26</sup>, e “(...) no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria”<sup>27</sup>, trataram de investigar os livros dos antigos sábios e de comparar suas sentenças com as doutrinas reveladas, e, com prudente eleição, abraçaram as que nelas foram perfeitamente ditas e sabiamente pensadas, emendando ou rechaçando as demais.

Pois assim como Deus, infinitamente pródigo, suscitou, para a defesa da Igreja, mártires fortíssimos e magnânimos contra a crueldade dos tiranos, assim, aos falsos filósofos ou hereges, opôs varões grandíssimos em sabedoria que defenderam, ainda com o apoio da razão, o depósito das verdades reveladas. E assim, desde os primeiros dias da

---

<sup>25</sup> **Const. Dogm. De Fid. Cath.**, c.4.

<sup>26</sup> 1Cor 1,24.

<sup>27</sup> Col 2,3.

Igreja, a doutrina católica teve adversários muito hostis que, burlando os dogmas e as instituições dos cristãos, sustentavam a pluralidade de deuses, que a matéria do mundo careceu de princípio e de causa, e que o curso das coisas conservava-se mediante uma força cega e uma necessidade fatal e não dirigida pelo conselho da Divina Providência. Agora bem, com esses mestres de disparatada doutrina disputaram, oportunamente, aqueles sábios que chamamos de *Apologistas*, que, precedidos da fé, usaram também os argumentos da sabedoria humana com os quais estabeleceram que deve ser adorado um só Deus – excelentíssimo em todo gênero de perfeição; que todas as coisas foram tiradas do nada por sua onipotente virtude, subsistem por sua sabedoria e cada uma se move e se dirige para seus fins próprios.

Ocupa o primeiro posto entre estes, São Justino mártir, que, depois de haver recorrido às mais célebres academias dos gregos para adquirir experiência e de haver visto, como ele mesmo confessa com a boca cheia, que a verdade somente pode ser encontrada nas doutrinas reveladas, abraçando-as com todo o ardor de seu espírito, purgou-as das calúnias ante os Imperadores romanos, e com elas acordou não poucas sentenças dos filósofos gregos. O mesmo fizeram excelentemente por este tempo, Quadrato e Aristides, Hermias e Atenágoras. Nem menor glória conseguiu pelo mesmo motivo, Ireneu, mártir invicto e Bispo da igreja de Lyon, que, refutando corajosamente as perversas opiniões dos orientais, disseminadas graças aos gnósticos por todo o império romano, “(...) explicou, segundo São Jerônimo, os princípios de cada uma das heresias e de que fontes filosóficas dimanaram”<sup>28</sup>.

Todos conhecem as disputas de Clemente de Alexandria, que o mesmo Jerônimo, para honrá-las, recorda-as assim: “Que há nelas de indouto? E mesmo, que não há aí que não venha do próprio seio da filosofia?”<sup>29</sup>. O mesmo tratou, com incrível variedade, de muitas coisas utilíssimas para fundar a filosofia da história, exercitar oportunamente a dialética e estabelecer a concórdia entre a razão e a fé. Seguindo a este, Orígenes, insigne do magistério da igreja alexandrina, eruditíssimo na doutrina dos gregos e dos orientais, deu à luz muitos e eruditos volumes para explicar as Sagradas Letras e para ilustrar os dogmas sagrados. Essas obras, embora como hoje existem, não careçam absolutamente de

---

<sup>28</sup> *Epistola ad Magnum*, 4 (PL 22, 667).

<sup>29</sup> *Loc. cit.*

erros, contêm, não obstante, também grande quantidade de sentenças, com as quais se aumentam as verdades naturais, em número e em firmeza.

Tertuliano combate contra os hereges com a autoridade das Sagradas Letras, mas, com os filósofos, mudando o gênero de armas, opõe-lhes a filosofia e os convence, de forma tão sutil e eruditamente que, às claras e com confiança, lhes diz: “Nem na ciência e nem na arte somos iguais, como vós imaginais”<sup>30</sup>. Arnóbio, nos livros publicados contra os hereges, e Lactâncio, especialmente em suas *Instituições Divinas*, esforçam-se, corajosamente, para persuadir os homens, com igual eloquência e galhardia, da verdade dos preceitos da sabedoria cristã. Não o fazem destruindo a filosofia, como costumam os acadêmicos, senão convencendo aqueles, em parte com suas próprias armas, e em parte com as tomadas das lutas dos filósofos entre si.<sup>31</sup>

19 – As coisas que da alma humana, dos atributos divinos e outras questões de suma importância deixaram escritas o grande Atanásio e Crisóstomo, Príncipe dos oradores, de tal maneira, a juízo de todos, se sobressaem, que parece não se poder acrescentar quase nada à sua engenhosidade e riqueza. E para não sermos pesados em enumerar cada um dos apologistas, acrescentemos ao catalogo dos excelsos varões de que fizemos menção, Basílio, o Grande, e os dois Gregórios, que, havendo saído de Atenas, empório das letras humanas, equipados abundantemente com todo o armamento da filosofia, converteram aquelas mesmas ciências que, com ardoroso estudo haviam adquirido, em armas para refutar os hereges e instruir os cristãos.

Porém, a todos arrebatou a glória de Agostinho, que, de poderoso gênio e imbuído perfeitamente nas ciências sagradas e profanas, lutou, ferrenhamente, contra todos os erros do seu tempo, com suma fé e não menor doutrina. Que ponto da filosofia não tratou; mais ainda, qual não investigou mui diligentemente: ora quando propunha aos fiéis os altíssimos mistérios da fé e os defendia contra os furiosos ímpetos dos adversários, ora quando, reduzindo a nada às fábulas dos maniqueus ou acadêmicos, colocava sobre terra firme os fundamentos da ciência humana e sua estabilidade, ora, ainda, quando indagava a razão da origem e as causas dos males que oprimem o gênero humano?

---

<sup>30</sup> TERTULIANO, *Apologet.* 46 (PL 1, 573).

<sup>31</sup> LACTÂNCIO, *Div. Inst.*, 7, 7 (PL 6, 759).

Quanto não discutiu, mui sutilmente, acerca dos anjos, da alma, da mente humana, da vontade e do livre alvedrio, da religião e da vida bem-aventurada e ainda da mesma natureza dos corpos mutáveis? Depois deste tempo, no Oriente, João Damasceno, seguindo os passos de Basílio e Gregório de Nazianzo, e, no Ocidente, Boécio e Anselmo, professando as doutrinas de Agostinho, enriqueceram muitíssimo o patrimônio da filosofia.

20 – Em seguida os Doutores da Idade Média, chamados escolásticos, realizaram uma obra magna, a saber: reunir, diligentemente, as fecundas e abundantes messes de doutrina espalhadas por todas as volumosas obras dos Santos Padres, e, uma vez reunidas, colocá-las em um só lugar para uso e comodidade da posteridade.

Qual seja a origem, a índole e a excelência da ciência escolástica, é útil, Venerados irmãos, mostrar aqui, mais difusamente, com as palavras do sapientíssimo varão, nosso predecessor, Sixto V: “Por dom divino Daqule que é o único a dar o espírito de ciência, sabedoria e entendimento, e que, através das eras, segundo reclama a necessidade, enriquece a Sua Igreja com novos benefícios e a provê de novos auxílios, foi fundada, por nossos Pais, varões de elevada sabedoria, a teologia escolástica, a qual foi cultivada e adornada, mui principalmente, por dois gloriosos doutores, o angélico Santo Tomás e o seráfico São Boaventura, preclaríssimos professores desta faculdade. Ambos, com gênio excelente, com assíduo estudo, com grandes trabalhos e vigílias, legaram-na à posteridade, disposta otimamente e explicada com brilhantismo de muitas maneiras. Na verdade, o conhecimento e exercício desta ciência salutar que flui de maneira mui abundante das diversas fontes escriturísticas, dos soberanos pontífices, dos Santos Padres e dos Concílios, pode sempre proporcionar grande auxílio à Igreja, quer para entender e interpretar, verdadeira e salutarmente, as mesmas Escrituras, quer para ler e explicar, mais segura e utilmente, os Padres, quer, ainda, para descobrir e rebater os vários erros e heresias. Porém, nestes últimos dias, em que já chegaram os tempos perigosos descritos pelo Apóstolo, e homens blasfemos, soberbos e sedutores crescem em maldade, errando e induzindo os outros a erro, é, na verdade, sumamente necessária para confirmar os dogmas da fé católica e para refutar as heresias”<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> **Bula Triumphantis**, an. 1588.

Estas palavras, embora pareçam abraçar somente a teologia escolástica, é claro que devem ser entendidas também da filosofia e suas virtudes. Pois, os preclaros dotes que fazem tão temível aos inimigos da verdade a teologia escolástica, conforme disse o mesmo Pontífice: “aquela oportuna e enlaçada coerência de causas e de efeitos entre si, aquela ordem e aquela disposição como a formação de soldados em batalha, aquelas claras definições e distinções, aquela firmeza dos argumentos e das agudíssimas disputas em que se distinguem a luz das trevas, o verdadeiro do falso, e as mentiras dos hereges, envoltas em muitas aparências e falácias, como se lhes tirassem os vestidos, aparecem manifestas e desnudas”<sup>33</sup>; estes excelsos e admiráveis dotes, dizemos, derivam unicamente do reto uso daquela filosofia que os mestres escolásticos, de propósito e com sábio conselho, acostumaram a usar frequentemente ainda nas disputas filosóficas. Ademais, sendo próprio e singular dos teólogos escolásticos o haver unido, com o mais estreito laço, a ciência humana e divina entre si, a teologia na qual sobressaíram não teria obtido tantas honras e louvores da parte dos homens, se houvessem empregado uma filosofia manca e imperfeita ou superficial.

21 – Agora bem: entre os Doutores escolásticos, brilha grandemente Santo Tomás de Aquino, Príncipe e Mestre de todos, o qual, como adverte Caetano, “(...) por haver venerado profundamente os antigos Doutores sagrados, obteve, de algum modo, a inteligência de todos”<sup>34</sup>. Suas doutrinas, como membros dispersos de um corpo, reuniu-as e congregou-as Tomás, dispondo-as com ordem admirável, e de tal modo enriqueceu-as com novos princípios que, com razão e justiça, é considerado como defensor especial e honra da Igreja Católica. De dócil e penetrante gênio, de memória fácil e tenaz, de vida integralíssima, amante unicamente da verdade, riquíssimo na ciência divina e humana, comparado ao sol, animou o mundo com o calor de suas virtudes e iluminou-o com esplendor. Não há parte da filosofia que, de forma aguda e sólida, não haja tratado: tratou das leis do raciocínio, de Deus e das substâncias incorpóreas, do homem e de outras coisas sensíveis, dos atos humanos e de seus princípios, de tal modo que nada falta nele: nem a abundância das questões, nem a oportuna disposição das partes, nem a firmeza dos

---

<sup>33</sup> **Bula Triumphantis**, an. 1588.

<sup>34</sup> **Comentário de Caetano sobre a Summa Theologiae**, I Ia-IIae 148, 9. Art. 4; Leonine edit., Vol. 10, p. 174, n.6.

princípios ou a robustez dos argumentos, nem a clareza e propriedade da linguagem, nem certa facilidade de explicar coisas obscuras.

22 – Acrescenta-se a isto que o Doutor Angélico indagou as conclusões filosóficas nas razões e princípios das coisas que se estendem mui largamente, e encerram, como em seu seio, as sementes de quase infinitas verdades, que haveriam de ser abertas com fruto mui abundante pelos mestres posteriores. Havendo empregado este método de filosofia, conseguiu superar, sozinho, os erros dos tempos passados e subministrar armas invencíveis para refutar os erros que, perpetuamente, se hão de renovar nos séculos futuros. Ademais, distinguindo muito bem a razão da fé, como é justo, e associando-as sem embargo e amigavelmente, conservou os direitos de uma e outra, promovendo a dignidade de ambas. De tal sorte que a razão, elevada à maior altura por Tomás, quase não pode levantar-se a regiões mais sublimes, e nem a fé pode esperar da razão auxílios mais poderosos que os que até aqui foram conseguidos por Tomás.

23 – Por essas razões, homens sapientíssimos das idades passadas, e digníssimos de louvores por seu saber teológico e filosófico, buscando com indizível afã os volumes imortais de Tomás, consagraram-se à sua sabedoria angélica, não tanto para aperfeiçoá-la, quanto para ser por ela sustentados. É um fato constante que quase todos os fundadores e legisladores das ordens religiosas mandaram que seus companheiros estudassem as doutrinas de Santo Tomás e aderissem a elas religiosamente, dispondo que a ninguém fosse lícito impunemente se separar, nem ainda no mínimo detalhe, das pegadas de tão grande Mestre. E deixando de lado a família dominicana que, com direito indiscutível, se gloria deste sumo Doutor, estão obrigados a esta lei: os Beneditinos, os Carmelitas, os Agostinianos, os Jesuítas e muitas outras ordens sagradas, como os estatutos de cada uma no-lo manifestam.

24 – E neste lugar, com indizível prazer, recorda a alma aquelas celebérrimas Academias e escolas que, em outro tempo, floresceram na Europa, a saber: a parisiense, a salamanticense, a de Alcalá, a de Douay, a de Tolouse, a de Louvain, a patavina, a bolonhesa, a napolitana, a conimbricense e muitas outras. Ninguém ignora que a fama destas cresceu, de certo modo, com o tempo e que as sentenças que se lhes pediam, quando se agitavam gravíssimas questões, tinham muita autoridade entre os sábios. Pois bem, é coisa fora de dúvida que, naqueles grandes empórios do saber humano, como em seu

próprio reino, dominou como príncipe Tomás, e que os ânimos de todos, tanto mestres como discípulos, descansaram, com admirável concórdia, no magistério e autoridade do Doutor Angélico.

25 – Porém, o que é mais, os Romanos Pontífices, nossos predecessores, honraram a sabedoria de Tomás de Aquino com singulares elogios e amplíssimos testemunhos. Pois Clemente VI, na bula “*In Ordine*”, Nicolau V, em sua “*Carta aos frades da Ordem dos Pregadores*” de 1451, Benedito XIII, na bula “*Pretiosus*”, e outros nos atestam que a Igreja universal é ilustrada com sua admirável doutrina. São Pio V, confessa que com a mesma doutrina, as heresias, confundidas e vencidas, dissipam-se e o mundo todo é libertado cotidianamente. Outros, como Clemente XII, na bula “*Verbo Dei*”, afirmam que de suas doutrinas dimanaram à Igreja Católica, mui abundantes bens e que o mesmo deve ser venerado com aquela honra que se dá aos Sumos Doutores da Igreja: Gregório, Ambrósio, Agostinho e Jerônimo. Outros, finalmente, não demoraram em propor nas Academias e grandes liceus Santo Tomás, como exemplo e mestre a quem se devia seguir com firme piedade. A respeito, parecem-nos muito dignas de serem recordadas, as palavras do B. Urbano V à Universidade de Toulouse: “Queremos, e pelas presentes mandamos, que adoteis a doutrina do bem-aventurado Tomás, como verídica e católica, e procureis ampliá-la com todas as vossas forças”<sup>35</sup>. Renovaram o exemplo de Urbano, na Universidade de Lovaina, Inocêncio XII, e Benedito XIV, no Colégio Dionisiano dos granadinos. Acrescente-se a estes juízos dos Sumos Pontífices sobre Tomás de Aquino, o testemunho de Inocêncio VI, como complemento: “A doutrina deste tem sobre as demais, excetuada a canônica, propriedade nas palavras, ordem nas matérias, verdade nas sentenças; de tal sorte que nunca aqueles que a seguirem se verão apartados do caminho da verdade, e sempre será suspeito de erro aquele que a impugnar”<sup>36</sup>.

26 – Também os Concílios Ecumênicos, nos quais brilha a flor da sabedoria colhida em todo orbe, procuraram perpetuamente tributar singular honra a Tomás de Aquino. Nos Concílios de Lyon, Viena, Florença e Vaticano, pode-se dizer que Tomás interveio nas deliberações e decretos dos Padres e quase foi o presidente, pelejando, com força inelutável e faustoso êxito, contra os erros dos gregos, dos hereges e dos racionalistas. Porém, a maior

---

<sup>35</sup> **Constitutio** 5a, data dia 3 agosto de 1368, ad Cancell. Univ. Tolos.

<sup>36</sup> Sermão de S. Tomás.

glória prestada a Tomás, por uma honra nunca participada por nenhum dos Doutores católicos, consiste em que os Padres tridentinos, para estabelecerem a ordem no mesmo Concílio, quiseram que, juntamente com os livros da Escritura e os decretos dos Sumos Pontífices, viesse sobre o altar a *Suma* de Tomás de Aquino, para que nela buscassem: conselhos, razões e decisões.

27 – Ultimamente, também estava reservada ao incomparável varão obter a palma de conseguir obséquios, louvores e admiração até mesmo dos adversários do nome católico. Pois está averiguado que não faltaram chefes de facções heréticas que confessassem publicamente que, uma vez quitada e afastada a doutrina de Tomás de Aquino, “(...) poderiam, facilmente, entrar em combate com todos os Doutores católicos, e vencê-los e derrotar a Igreja”<sup>37</sup>. Vã esperança, certamente, mas não vão testemunho.

28 – Por isso, veneráveis irmãos, sempre que consideramos a bondade, a força e as excelentes utilidades de sua ciência filosófica, que tanto amaram nossos maiores, julgamos que se agiu temerariamente não conservando, sempre e em todas as partes, a honra que lhe é devida; constando especialmente que o uso contínuo, o juízo de grandes homens e, o que é mais importante, o sufrágio da Igreja, favoreciam a filosofia escolástica.

Em lugar da antiga doutrina, apresentou-se, em várias partes, certa nova espécie de filosofia da qual não se recolheram os frutos desejados e salutareos que a Igreja e mesmo a sociedade civil haviam anelado. Debaxo dos impulsos dos inovadores do século XVI, agradou o filosofar sem respeito algum à fé e foi proposta a alternativa de se poder excogitar sobre quaisquer coisas de acordo com o seu próprio deleite. Por esse motivo, foi já fácil que se multiplicassem mais do que o justo os gêneros de filosofia e nascessem sentenças diversas e contrárias entre si acerca das principais coisas do conhecimento humano. Da multidão de sentenças, passou-se, muito frequentemente, às vacilações e às dúvidas e destas às lutas. De fato, não há quem ignore o quão facilmente cai no erro o entendimento dos homens.

Deixando-se arrastar os homens pelo exemplo, o amor à novidade pareceu também invadir em algumas partes os ânimos dos filósofos católicos, os quais, deixando o patrimônio da sabedoria antiga, preferiram, mas com prudência certamente pouco sábia e

---

<sup>37</sup> Bucer



não sem detrimento das ciências, fazer coisas novas a aumentar e aperfeiçoar com as novas as antigas. Pois, esta múltipla regra de doutrina, fundando-se na autoridade e no arbítrio de cada um dos mestres, tem fundamento variável, e, por esta razão, não faz a filosofia estável e nem robusta como a antiga, senão flutuante e movediça, a qual, se acaso suceder que se ache alguma vez insuficiente para sofrer o ímpeto dos inimigos, fique sabendo que a causa e culpa disto residem nela mesma.

Ao dizer isto não condenamos, em verdade, aqueles homens doutos e engenhosos que põem a sua indústria e erudição, e as riquezas das novas descobertas, a serviço da filosofia, pois sabemos muito bem que, com isso, recebe incremento a ciência. Porém, há de se evitar com suma diligência não fazer consistir naquela indústria e erudição o principal exercício da filosofia. Do mesmo modo se há de julgar da Sagrada Teologia, a qual nos agrada que seja auxiliada e ilustrada com múltiplos auxílios da erudição; porém, é de todo necessário que seja tratada segundo o grave costume dos escolásticos, para que, unidas nela, as forças da revelação e da razão, continue sendo “(...) a defesa invencível da fé”<sup>38</sup>.

29 – Com excelente conselho, não poucos cultivadores das ciências filosóficas intentaram, nestes últimos tempos, restaurar a filosofia, renovando a preclara doutrina de Tomás de Aquino e devolvendo-a a seu antigo esplendor. Temos sabido, veneráveis irmãos, que muitos de vossa ordem, com igual desejo, têm entrado corajosamente por esta via e é com grande regozijo que reconhecemos. A estes, louvamos ardentemente e exortamos a permanecerem no plano começado. Aos demais dentre vós, em particular fazemo-los saber que nada nos é mais grato, nem mais apetecível, que todos vós subministreis, copiosa e abundantemente, para a juventude estudiosa, os rios puríssimos de sabedoria que emanam, em contínua e riquíssima veia, do Doutor Angélico.

30 – Os motivos que nos movem a querer isto com grande ardor são muitos. Primeiramente, sendo costume em nossos dias tempestuosos combater a fé com as maquinações e as astúcias de uma falsa sabedoria, todos os jovens, em especial os que se educam para a esperança da Igreja, devem ser alimentados, por isso mesmo, com poderosa e robusta doutrina, para que, potentes com suas forças e equipados com suficientes armamentos, acostumem-se, com o tempo, a defender, forte e sabiamente, a causa da

---

<sup>38</sup> Sixto V, **Bula Triumphantis**

religião, dispostos sempre, segundo os conselhos evangélicos, “(...) a satisfazer a todo o que pergunte sobre a razão daquela esperança que temos”<sup>39</sup>, e “(...) a exortar com a sã doutrina e arguir aos que a contradizem”<sup>40</sup>.

Ademais, existem muitos dos homens que, apartando seu espírito da fé, desprezam os ensinamentos católicos, professando que, para eles, só a razão é mestra e guia. Para saná-los e fazê-los volver à fé católica, além do auxílio sobrenatural de Deus, julgamos que nada é mais oportuno que a sólida doutrina dos Padres e dos escolásticos, os quais demonstram, com tanta evidência e energia, os firmíssimos fundamentos da fé, sua origem divina, sua infalível verdade, os argumentos com que se provam os benefícios que tem prestado ao gênero humano, e a sua perfeita harmonia com a razão, o quanto basta e ainda sobra para dobrar os entendimentos, ainda os mais opostos e contrários.

31 – Mesmo a sociedade civil e a doméstica, que se acham, como todos sabemos, em grave perigo por causa da peste dominante das opiniões perversas, viveriam certamente mais tranquilas e seguras, se, nas Academias e nas escolas, se ensinasse doutrina mais sã e mais conforme o ensinamento do Magistério da Igreja, tal como contêm os volumes de Tomás de Aquino. Tudo relativo à genuína noção de liberdade, que hoje se degenera em licenciosidade, à origem divina de toda autoridade, das leis e de sua força, o paternal e equitativo império dos Príncipes supremos, à obediência às potestades superiores, à mútua caridade entre todos; tudo o que destas coisas e outras do mesmo teor é ensinado por Tomás, tem uma robustez grandíssima e invencível para deitar por terra os princípios do novo direito, que, como todos sabem, são perigosos para a tranquila ordem das coisas e para o bem-estar público.

32 - Finalmente, todas as ciências humanas devem esperar aumento e promessa de grande auxílio desta restauração das ciências filosóficas proposta por Nós. Porque todas as belas artes acostumaram a tomar da filosofia, como de uma ciência reguladora, o salutar ensinamento e o reto modo, e dela também, como de comum fonte de vida, sacar energia. Uma constante experiência nos demonstra que, quando floresceram mormente as artes liberais, permaneceram incólumes a honra e o sábio juízo da filosofia, e que foram descuidadas e quase olvidadas, quando a filosofia se inclinou aos erros ou se enredou em

---

<sup>39</sup> I Pe 3, 15.

<sup>40</sup> Tit 1, 9.

inércias. Pelo que, as ciências físicas que são hoje tão apreciadas e excitam singular admiração com tantos inventos, não receberão prejuízo algum com a restauração da antiga filosofia, senão que, ao contrário, receberão grande auxílio. Pois para seu frutuoso exercício e incremento, não somente se hão de considerar os fatos e se há de contemplar a natureza, senão que de todos os fatos se há de subir mais alto e se há de trabalhar engenhosamente para conhecer as essências das coisas corpóreas, para investigar as leis a que obedecem e os princípios de onde procedem a sua ordem e unidade na variedade, e a mútua afinidade na diversidade. Para tais investigações é maravilhoso o que traria de força, luz e auxílio a filosofia católica, se ensinada com um método sábio.

Acerca disso deve advertir-se também que é grave injúria atribuir à filosofia o ser contrária ao incremento e ao desenvolvimento das ciências naturais. Pois quando os escolásticos, seguindo o sentir dos Santos Padres, ensinaram com frequência, na antropologia, que a inteligência humana somente pelas coisas sensíveis elevava-se a conhecer as coisas que careciam de corpo e de matéria, perceberam, naturalmente, que nada era mais útil ao filósofo do que investigar, diligentemente, os arcanos da natureza e ocupar-se no estudo das coisas físicas por muito tempo. Isto foi confirmado com suas condutas, pois Santo Tomás e o bem-aventurado Alberto Magno, além de outros príncipes escolásticos, não se consagraram à contemplação da filosofia, de tal sorte que não pusessem grande empenho em conhecer as coisas naturais e muitos ditos e sentenças suas neste gênero de coisas, aprovam-nos os mestres modernos e confessam estar conforme a verdade. Ademais, em nossos próprios dias, muitos e insignes Doutores das ciências físicas atestam, clara e manifestamente, que, entre as certas e aprovadas conclusões da física mais recente e os princípios filosóficos da escolástica, não existe verdadeira contradição.

33 - Nós, pois, enquanto manifestamos que receberemos, com boa vontade e agradecimento, tudo o que se acha dito sabiamente, tudo o que de útil se haja inventado e excogitado por quaisquer; a vós todos, veneráveis irmãos, com grave empenho exortamos a que, para defesa e glória da fé católica, pelo bem da sociedade e pelo incremento de todas as ciências, renoveis e propagueis vastamente a áurea sabedoria de Santo Tomás. Dizemos a sabedoria de Santo Tomás, pois se há alguma coisa tratada pelos escolásticos com demasiada sutileza ou ensinada de maneira inconsiderada; se há algo menos concorde com

as doutrinas manifestas das últimas épocas, ou, finalmente, não louvável de qualquer modo, de nenhuma maneira está em nosso ânimo propô-lo para ser imitado em nossa época.

Por outro lado, procurem os mestres sabiamente eleitos por vós insinuar nos ânimos de seus discípulos a doutrina de Tomás de Aquino e ponham em evidência sua solidez e excelência sobre todas as demais. Que as academias fundadas por vós ou aquelas que havereis de fundar ilustrem e defendam a mesma doutrina e a usem para a refutação dos erros que circulam. Mas, para que não se beba a suposta doutrina pela verdadeira, nem a corrompida pela sincera, cuidem para que a sabedoria de Tomás seja tirada das mesmas fontes ou ao menos daqueles rios que, segundo certa e conhecida opinião de homens sábios, hajam saído da mesma fonte e corram íntegros e puros; porém, dos que se dizem haver procedido destes e, na realidade, cresceram em águas alheias e não saudáveis, procurem apartar os ânimos dos jovens.

34 - Sabemos muito bem que os nossos propósitos serão de nenhum valor se não nos favorecer em nossas comuns empresas, Veneráveis irmãos, Aquele que, nas divinas letras, é chamado: “Deus das ciências”<sup>41</sup>. Nelas também aprendemos “(...) que toda a dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima, descendo do Pai das luzes”<sup>42</sup>. E, ademais, “(...) se alguém necessita de sabedoria, peça a Deus que dá a todos abundantemente e não se apresse que se lhe dará”<sup>43</sup>.

Também nisto sigamos o exemplo do Doutor Angélico que nunca se pôs a ler e escrever sem antes haver-se feito propício a Deus com seus rogos e que confessou, candidamente, que tudo o que sabia não havia adquirido tanto com seu estudo e trabalho, senão que o havia recebido divinamente.

Por isso mesmo, roguemos todos juntamente a Deus, com humilde e concorde súplica, para que derrame sobre todos os filhos da Igreja o espírito de ciência e de entendimento, e abra-lhes os sentidos para entender a sabedoria.

E para receber mais abundantes frutos da bondade divina, interponhamos diante de Deus o patrocínio efficacíssimo da Virgem Maria, que é chamada sede da sabedoria. Tomemos também por intercessores o bem-aventurado José, puríssimo esposo da Virgem

---

<sup>41</sup> I Rs, 2, 3

<sup>42</sup> Tiago 1, 17.

<sup>43</sup> Tiago 1, 5.

Maria, e os grandes Apóstolos Pedro e Paulo que renovaram com a verdade o mundo inteiro corrompido pela lama imunda dos erros, enchendo-o com a luz da sabedoria celestial.

35 – Por último, sustentados com a esperança do auxílio divino e confiantes em vossa diligência pastoral, damos-vos amantíssimamente a todos vós, Veneráveis irmãos, a todo o Clero e povo, a cada um de vós encomendado, a nossa bênção apostólica, com augúrio de dons celestiais e testemunho de nossa singular benevolência.

*Dado em Roma, junto de São Pedro, a 4 de Agosto de 1879, segundo  
ano segundo de nosso Pontificado.*

*LEÃO XIII, Papa.*